

Escrita e Tradição oral: a memória na poesia de Ana Paula Tavares

Léia Gonçalves Sousa¹

RESUMO:

Através da análise dos poemas que constam no livro *Dize-me coisas amargas como os frutos*, da escritora angolana Ana Paula Tavares, o presente trabalho busca mostrar a importância da memória, vista como elemento reconstrutor da memória e identidade nacional de um país. Arrasada por duas guerras, a nação angolana teve como papel fundamental no âmbito de preservação de memórias, a figura dos velhos Griots e mesmo do Griot contemporâneo, do qual podemos considerar como representante Ana Paula. Os intelectuais angolanos foram de fundamental importância para institucionalizar um sentimento de preservação e busca de uma identidade nacional. Essa pesquisa apresenta-se fundamentada especialmente a partir dos estudos de Le Goff, Joël Candau e Maurice Halbwachs. Através desses autores, observa-se que a literatura angolana é marcada especialmente pela função social, trabalhando em prol de dar a voz a que não tem vez, denunciar os problemas, e preservar a tradição e a cultura. Analisa também a contribuição da memória coletiva, na reconstrução da nação.

Palavras-chaves: Literatura angolana; Memória ficcional; Ana Paula Tavares.

¹ Graduanda em Letras Português pela Universidade de Brasília. Este trabalho foi elaborado sob a orientação da Profª.Drª Fabricia Wallace Rodrigues, coordenadora do projeto “Poéticas da Memória”.

«Na África, cada ancião que morre
é uma biblioteca que se queima.»
Amadou Hampâté Bâ

A epígrafe acima ressalta a importância da oralidade de um povo, como forma de guardar o passado que constitui a sua memória. A sensação de ouvir um sábio africano relatar as experiências vividas e outras cuja autenticidade depende de si, assemelha-se a um abrir de livro onde cada página nos surpreende com o seu conteúdo. A tradição oral é fonte principal da história angolana, através dela, conta-se por gerações o modo de vida desse povo além de sua cultura e tradições.

Os Griots na tradição africana são considerados os guardadores da memória coletiva é através deles que a cultura oral é propagada, utilizando-se do seu maior instrumento que é a palavra. A tradição oral era transmitida naturalmente no dia a dia da comunidade, essas conversas eram realizadas frequentemente no fim da tarde, ao término das atividades diárias e eram tidas como momentos de lazer e aprendizagem. Nela transmitiam-se a sabedoria popular e as experiências de vida contadas a partir do olhar de um griot, com superstições que não morreram no tempo para justificar fenômenos naturais e outras situações do cotidiano Cunhama.

Nestas sociedades sem escrita há especialistas da memória, homens-memória: "genealogistas", guardiões dos códigos reais, historiadores da corte, "tradicionalistas", dos quais Balandier diz que são "a memória da sociedade" e que são simultaneamente os depositários da história "objetiva" e da história "ideológica"
(LE GOFF, 1990, p.371)

Com a colonização de Angola, os griots se viram obrigados a migrar das zonas rurais para os grandes centros em busca de proteção ou tão somente para fugir do conflito armado, houve então, uma perda de valores da cultura oral e rural, devido aos hábitos das zonas urbanas.

A existência do que vem a ser hoje a literatura angolana está fortemente ligada ao fator histórico. Pensar na literatura Angolana é, antes de tudo, traçar um perfil histórico para que se compreendam alguns aspectos importantes da obra.

Antes da independência de Angola, existiam poucas oportunidades para a publicação de textos e livros, já no período pós-independência houve um aumento de produção de textos que está relacionado com as questões políticas e históricas. Observa-se, então, uma necessidade de afirmação nacional, cujo objetivo era a preservação da identidade individual e coletiva.

Nesse quadro, um grupo denominado de “Geração de 50”, composto por poetas e escritores angolanos, uniu-se para resgatar a cultura que estava se perdendo devido as guerra colonial e civil. Escritores usaram a força da palavra em defesa desse sentimento de liberdade que tomou conta dos países africanos.

Linguagem de manifesto, documento de fundação, constituem as
marcas de água
a separar a apropriação de um tempo feita por um grupo de jovens
para os quais literatura
é também apropriação de um território da verdade para o qual
apelam os lexemas
povoados de uma carga semântica positiva como:terra, canto,
verdadeira.
Tavares, Ana Paula. **Cinqüenta anos de literatura angolana**. 1999.
In: Via Atlântica, nº3

Logo após a independência, o país entrou em guerra civil, que foi desencadeada pela disputa de poder de grupos revolucionários dos movimentos de libertação de Angola. Surge então, a revista “Mensagem” que marca o início da poesia moderna nacional em Angola, idealizada por um grupo de escritores que vislumbravam a concepção de uma nova literatura no país. O objetivo da revista era expressar através de seus textos a consciência da valorização do homem negro e de sua cultura, acima de tudo mostrar que, apesar das guerras e outros problemas como a fome e a alta taxa de mortalidade, era um país com autoridade e existência própria. Embora sendo colonizada por Portugal, tinha características muito particulares e sua cultura era muito diferente do colonizador, pleiteavam a legitimização da identidade nacional pelas raízes da cultura africana.

Escritores como Agostinho Neto, Viriato Cruz e Mário António dedicaram-se nesse período a uma poesia de protesto anti-colonial, seus discursos, diferentes dos Griots foi feito através da escrita, em que suas obras serviam de protesto na luta contra o aprisionamento do

homem e a respeito dos padrões e culturas impostas pelo colonizador. Segundo Le Goff (1990 p.228) “O aparecimento da escrita está ligado a uma profunda transformação da memória coletiva”. Através da escrita a memória coletiva é fortalecida, pois os registros recuperam uma parte da história e memória. Desde então, foram se desenvolvendo temáticas acerca da invocação de Angola como “Mãe-pátria” e “Terra grande” da África.

Assim, a poesia angolana percorre dois vieses, um que se iniciou com uma temática voltada para a militância, tendo como pano de fundo o colonizador e as questões sociais enfrentadas e outra que se aproxima da vertente da tradição oral. Essa última caracterizada por uma literatura de exaltação nacional e afirmação coletiva.

A década de oitenta foi marcada por um período de grande avanço em Angola no que diz respeito a uma nova estética literária. Neste cenário, surge a escritora Ana Paula Tavares, com sua representatividade entre os poetas da nova geração e que reproduz a voz da mulher angolana, cuja *poiesis* aproximava-se dos problemas enfrentados pela sociedade pós-colonial e as lembranças de um tempo distante, onde se tinha a palavra e voz se perdia.

A escrita resgata a memória oral, pois através desta é fortalecida e a memória alcança um número maior de pessoas. Então, seu papel é lembrar aquilo que a memória tenta esquecer. Surge o questionamento: Como a memória é resgatada na poesia? Como ela é transformada por Ana Paula em poesia?

1. RECUPERANDO O CONCEITO DE MEMÓRIA COLETIVA

Os objetivos desse trabalho são apresentar a obra *Dize-me coisas amargas como os frutos*, da escritora de origem angolana Ana Paula Tavares; abordar os contextos histórico social que estão intimamente ligados a literatura angolana e analisar a construção da memória ficcional no texto.

Para que o passado não se encerre junto com as recordações, a memória ocupa um lugar de destaque, pois através desta o que está esquecido ou em vias de esquecimento é resgatado. A palavra dos griots dá lugar a um fazer poético repleto de ritmo e sonoridade. Que memórias resgatar de um país com contextos de guerras ainda sentidas? Busca-se na memória um tempo distante, antes das guerras e opressões, nesse tempo, Ana Paula encontra as imagens que serão metaforizadas em poesias: “entretanto e no que à poesia diz respeito, é

de um silêncio povoado de vozes, de estatura e estrutura muito diferentes, aquele que se pode escutar no caso de Angola”.

Frente a esse contexto, Ana Paula cria a sua obra e fala de suas memórias guardadas ou ficcionadas, estabelecendo um novo significado a elementos simbólicos e às figuras do cotidiano que constituíram o modo de vida angolano: as suas crenças, o enfrentamento com situações como a guerra e a fome. O texto literário torna-se então um instrumento que preenche esses espaços esquecidos que a história não conseguiu preservar e prolonga a sensação de lembranças, vividas ou não, entre as percepções de ausência ou presença deste universo de significações que revela a cultura angolana.

A obra de Ana Paula torna-se ficcional, pois, a partir do momento em que são recriadas as lembranças, o real e o imaginário se unem. A recordação de um fato, não constitui necessariamente uma lembrança, algumas vezes, somente um recurso que o autor se apropria. A importância da ficção na construção de memória na obra é fazer com que esses vestígios do passado assumam um lugar significativo no presente.

Quando se fala em memória, temos que pensar que é uma questão que vem de muito longe. Sendo respondida de diversas maneiras por diferentes teóricos, pois existe uma série de conceitos que se agrupam em redor do tema.

Segundo Jacques Le Goff, o estudo da memória coletiva começou a ser desenvolvido a partir da investigação oral, além de se basear em lembranças do cotidiano de um grupo, imagens e paisagens. O esquecimento é importante para a compreensão de grupos e comunidades, pois muitas vezes é voluntário, refletindo a vontade do grupo de ocultar determinados fatos. Assim, a memória coletiva estrutura constantemente os fatos.

Conforme Le Goff, (1990, p.226) “preferir-se-á reservar a designação de memória coletiva para os povos sem escrita”, então, se ressalta a importância da atividade Mnésica diante dos povos com ou sem escrita, caracterizando todas as sociedades. Acerca da memória coletiva (1990, p.226) ”O primeiro domínio onde se cristaliza a memória coletiva dos povos sem escrita é aquele que dá um fundamento – aparentemente histórico – à existência das etnias ou das famílias, isto é, dos mitos de origem.” A memória coletiva confunde a história com o mito, visto que, situando dentro da memória étnica existem dois tipos de história.

Por um lado, a história a que chama "objetiva" e que é "a série dos fatos que nós, investigadores, descrevemos e estabelecemos om base em certos critérios "objetivos" universais no que z respeito às suas relações e sucessão" [1942, ed. 1969, p. 721 e, por outro lado, a história a que chama "ideológica"

e "que descreve e ordena esses fatos de acordo com certas tradições estabelecidas".
(LE GOFF, 2003, p.370).

Essas histórias são “objetivas” no momento em que investigadores se debruçam em busca de dados que recompõem aquilo que pretendem afirmar, são constituídas por fatos. As “ideológicas” transitam em torno de mitos e tradições, não se pode atestar a sua veracidade, de acordo com Le Goff essa segunda denomina-se como memória coletiva.

O autor ressalta a importância da escrita, pois através desta a memória coletiva progrediu em duas formas distintas de memória, sendo a primeira como forma de comemoração, assumindo um caráter de inscrição, advindo da epigrafia, a segunda forma de memória ligada à escrita é o documento escrito com caráter de monumento passando da esfera auditiva para a visual.

Mas a memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é, sobretudo oral ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória.
(LE GOFF, 2003, p.410).

A manipulação da memória é um dos perigos apontados por Le Goff pois essa relação influencia a construção da História. Sobre a importância da memória ele destaca:

Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores destes mecanismos de manipulação da memória coletiva. (LE GOFF, 2003, p.368).

Maurice Halbwachs pensa em uma dimensão da memória que ultrapassa o plano individual, mas como uma forma de conhecimento da realidade. Então, essas memórias não são somente suas, já que essas não podem existir separadas da sociedade. Categórico, afirma (1990, p.35): “só temos capacidade de nos lembrar quando nos colocamos no ponto de vista

de um ou mais grupos e de nos situar novamente em uma ou mais corrente do pensamento coletivo”. A memória individual seria a sua memória participante em vários grupos do qual o indivíduo sofre influências, suas interações com os meios, explicando de certa forma o motivo que pessoas guardam diferentes recordações de um único evento e que dessa forma a nossa memória e lembrança é fruto da sociedade em que vivemos. Segundo Maurice Halbwach:

Não basta reconstruir pedaço a pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstituição funcione a partir de dados ou noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aquele e vice-versa, o que será possível somente se tiverem feito parte e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo. Somente assim podemos compreender que uma lembrança seja ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída.
(HALBWACHS, 1990, p.39)

A partir das recordações da memória individual surge a memória coletiva e assim sendo, cada pessoa teria uma percepção única sobre uma experiência vivida. Assim as nossas lembranças, mesmo as que possuem caráter totalmente individual, estariam em um plano coletivo, já que são constituídas a partir da memória dos outros.

As lembranças permanecem coletivas mesmo quando foram vivenciadas por uma só pessoa. O contexto social no qual o indivíduo está inserido é importante no que diz respeito a como essas memórias desempenharam um papel na vida dos angolanos, mas não individualmente, sim coletivamente. A escritora Ana Paula Tavares resgata as impressões e memórias que estavam no esquecimento para compor a memória coletiva do seu povo.

Joël Candau classifica a memória como sendo :

acima de tudo , uma reconstrução continuamente atualizada do passado, mais que uma reconstituição fiel do mesmo: “a memória é de fato mais um enquadramento do que um conteúdo , um objetivo sempre alcançável, um conjunto de estratégias , um ‘estar aqui’ que vale menos pelo que é do que pelo que fazemos dele”
(CANDAU, 2011, p.9)

O argumento principal que Candau utiliza é que a memória é sustentada pela identidade. Quando fala sobre as diferentes manifestações da memória, ele divide o seu conceito em três níveis: a protomemória; a memória de alto nível, que é a da evocação ou recordação e a metamemória, que é a forma como representamos as nossas lembranças a um nível de identidade. Essa última manifestação, julgada como sendo a principal por ele, refere-se à memória coletiva, podendo ser compartilhada por ser fruto da representação da memória.

O esquecimento é considerado ainda como um recurso quando as lembranças são difíceis de serem carregadas (2011, p. 23): “às vezes é preciso passar a esponja para ir adiante”.

2. O LUGAR DA MEMÓRIA NA OBRA DE ANA PAULA TAVARES

Na leitura da obra, flui o anseio por encontrar novamente o “vivido”, e a compreensão das “viagens sem regresso” e a “mudança dos sinais” assume um significado que não está ligado somente a cultura, mas aos efeitos da guerra civil que assolou o país durante muitos anos.

A oralidade presente na obra de Ana Paula Tavares *Dize me coisas Amargas como os frutos* ajuda a recriar, de maneira poética, o cotidiano Cuanhama que os livros não registraram. Sua poesia, carregada de musicalidade e entonações, quando lida em voz alta, assemelha-se a fala dos Griots.

"A oralidade é meu culto. As mães embalam os filhos cantando ou dizendo palavras nas nossas línguas todas. Se os meus textos puderem ser lidos em voz alta fico muito contente."
Ana Paula Tavares, em "A oralidade é meu culto", entrevista a Ana Paula Tavares, in AUSTRAL nº 78/ Buala, por Pedro Cardoso. novembro, 2010. Disponível em: < <http://www.buala.org> >. Acesso em: 02 Maio 2015.

Podemos caracterizá-la como um Griot pós-moderna, resgatando suas lembranças e memórias, destacando-se a expressividade e o estado de espírito do sujeito lírico. O seu modo de escrever nos remete a tradição oral, daquelas histórias e estórias contadas ao fim do dia aos pés de uma fogueira. Em entrevista, a escritora, explica a forma de escrita da seguinte maneira:

(...) Então, o que eu faço humildemente como poeta é no fundo resgatar essas vozes, que às vezes até fala línguas que eu não conheço, mas que o meu ouvido está cheio de música dessas línguas e trazer para a minha poesia(...) E isso é a minha missão aquilo que eu procuro humildemente seguir.

Ana Paula Tavares, em entrevista. Abril, 2012 .Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=OETY2dU9IEs> > Acesso em: 02

Maio 2015

A beleza de detalhes, a sonoridade, as imagens transmitidas pela poesia são transpostos para a nossa imaginação, é como se fôssemos sugados para dentro do texto e ao mesmo tempo para fora dele. A reflexão não limita-se apenas às palavras, mas as sensações que o texto provoca. A poetisa no seu fazer poético percorre os caminhos do erotismo e da metalinguagem, dos mitos e dos sonhos, fazendo com que suas memórias, de acordo com Candau (2011, p.16) sejam: “ao mesmo tempo em que nos modela, é, por nós, modelada”. A memória reproduz discurso ficcional do qual a autora se apropria para que seja reconstruída uma identidade.

Boi,boi
Boi verdadeiro,
guia a minha voz
entre o som e o silêncio

O livro é dividido em dois conjuntos de poemas, o primeiro evoca a figura mítica do boi, sendo esse um provérbio de origem cuanhama (situado ao sul de Angola), cuja figura do boi representava no passado um animal sagrado e o seu abate era proibido, sendo liberado somente para as cerimônias religiosas. Aponta para a calma, a doçura, a bondade e a capacidade de renovação. O culto ao boi é uma prática comum dos povos Bantu de Angola, signo de sua cultura, assim como a vaca. Em meio ao caos deixado pela guerra, a autora invoca a figura do Boi verdadeiro e da Vaca fêmea, como figuras que a guiarão nesses dois blocos de poesias.

Nesse sentido a poesia de Ana Paula Tavares está em plano entre a voz e o silêncio, pois os silêncios revelam mais que as vozes, levando em consideração a relação entre memória e silêncios da história propostos por Le Goff. Configurando assim, uma tensão entre linguagem e silêncio, visto que as palavras são gritadas desde o silêncio.

Vaca fêmea, guia bem amada dos rebanhos
a que não salta, não corre
avança lenta e firme,
lambe as minhas feridas
e o coração.

O segundo conjunto de poemas é simbolizado pela figura da vaca, que é vista como a Grande mãe, que representa a maternidade e a fertilidade podendo metaforizá-la como a mãe que preserva a comunidade e sua identidade, diante do sofrimento.

A análise das poesias contemplará a reconstituição de sentidos de fragmentos que a compõem, formando um todo. Dentro da linguagem literária, perceberemos a força das palavras, transformando-a em imagens que ajuda a reconstituir uma nova realidade simbólica.

O momento de que se fala é um momento onde se
forjou e se inscreveu uma actividade literária e cultural com fortes
implicações
ideológicas: trata-se dos primeiros sinais de reconhecimento de uma
identidade
que se queria nacional e libertadora. A poesia constitui-se como a voz
particular que organiza e dá sentido a um quotidiano perturbado (...)

(TAVARES, ANA PAULA. 1999)

Assim, quem lê uma poesia sobre a memória, não terá uma memória concreta, mas uma memória de palavras, que de acordo com as motivações do leitor, fará surgir outra, esta traduzida pelo olhar do artista.

De que cor era o meu cinto de missangas, mãe
feito pelas tuas mãos
e fios do teu cabelo
cortado na lua cheia
guardado do cacimbo
no cesto trançado das coisas da avó
Onde está a panela do provérbio, mãe
a das três pernas
e asa partida
que me deste antes das chuvas grandes
no dia do noivado
De que cor era a minha voz, mãe
quando anunciava a manhã junto à cascata
e descia devagarinho pelos dias
Onde está o tempo prometido p'ra viver, mãe
se tudo se guarda e recolhe no tempo da espera

p'ra lá do cercado
(O cercado, p.23)

A figura feminina é de grande importância dentro da tradição angolana, elas são responsáveis pelo cultivo e cuidado com os animais, simbolizam a Mãe-Africa, na qual a força da terra é representada e personificada pela figura feminina. Elas passeiam e dão a voz aos versos da poetisa.

O foco narrativo é de primeira pessoa. A sintonia dos símbolos apresentados estão em conformidade com o resgate de tradições, pois é algo que o sujeito tenta lembrar, mostrando o saudosismo do eu lírico. As recordações que invocam as lembranças estão dispostas como se o sujeito as falasse de forma natural.

Há no poema “O cercado” um sujeito lírico feminino que interroga a mãe sobre uma existência que não foi vivenciada, além dos cercados, cuja imagem precisa ser recriada. O símbolo do cinto de missangas e da panela de provérbios são elementos que presenciaram o passado e a que a memória indaga. A panela de provérbios é uma tradição muito antiga, essa possui uma tampa que pode ser modelada em barro ou esculpida se for de madeira, com uma representação pictórica de um provérbio. O cinto de missangas é geralmente usado abaixo do umbigo, acredita-se que protege a mulher, ajudando a engravidar

Os cercados assumem então dois lados, o de dentro onde se encontra as tradições e o de fora, que é o desconhecido. Ocorre uma fragmentação dentro da poesia, pois esses espaços dialogam entre si. O cercado e cerco é um lugar limitado a divisão entre dois mundos, o mundo que estamos e o que não podemos vislumbrar, pois o mesmo encontra-se adormecido.

A poesia é uma indagação sem respostas, que silencia a mulher e que se divide entre a tradição e a modernidade. A falta de pontuação observada é proposital, essa ausência, imprime um ritmo, esse recurso gera a sensação de sufocamento das palavras, transmitindo o sentimento de aprisionamento. Os versos são caracterizados por versos livres, preocupado com a musicalidade natural da fala e da leitura.

Guardo a memória do tempo
Em que éramos vatwa
O dos frutos silvestres
Guardo a memória de um tempo
Sem tempo

Antes da guerra
Das colheitas
e das cerimônias
(Origens, p. 10)

Neste belo poema, observamos que o sujeito afirma o não esquecimento de uma memória e as lembranças de um tempo quando “éramos vatwa”, ou seja, quando tinham uma identidade e tradições únicas, não era influenciadas pelos colonizadores. Vatwa, Vátuas ou vermelhos segundo a tradição oral ocupavam antigamente uma terra boa à beira do deserto, sendo por esse motivo atacada constantemente por invasores.

Ana Paula Tavares busca representar um tempo de memórias de origens, local onde se encontra as tradições de um povo que se perde em meio as guerras, sofrimentos e lágrimas que o título do livro *Dize-me coisas amargas como os frutos* revela: a perda do amado. O eu lírico transita entre o presente e o passado.

Amado , pó que voltas
com a morte nos olhos
e sem sandálias
como se um outro te habitasse
num tempo
para além
do tempo todo
Amado, onde perdeste a tua língua de metal
a dos sinais e do provérbio
com o meu nome inscrito

Onde deixaste a tua voz
macia de capim e veludo
semeada de estrelas

Amado, meu amado
o que regressou de ti
é a tua sombra
dividida ao meio
é um antes de ti
as falas amargas
como os frutos.
(Amargos como os frutos, p. 9)

Como historiadora, Ana Paula Tavares, mergulha no modo de vida antigo de Angola e a reconstituição das memórias individuais e coletivas surge como sonho.

No meu sonho nascem tartarugas dos olhos dos anjos.

São elas que voam e resolvem problemas matemáticos.
No meu sonho mudo de pele para ficar mais velha ainda
com escamas e garras pintadas de vermelho.
No meu sonho um anjo voa a voz da tartaruga
em volta da luz
em volta do meu sonho.
(Conto pende, p.18)

O poema tem um cunho emblemático em razão de inserir um sentido coletivo. O homem é chamado a redescobrir a sua verdadeira identidade, antes da guerra onde o lago dos olhos eram mansos. A poetisa sacia a “sede antiga”, com a memória de quem realmente é. A água é um elemento constante na sua poesia, simbolizando a purificação e a regeneração.

Tão manso é lago dos teus olhos
Que temo avançar as mãos
Cortar as águas
E semear o espanto na descoberta
Da minha sede antiga
(O Lago, p. 19)

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através deste trabalho, buscamos colocar em destaque a importância fundamental da memória coletiva e o discurso ficcional, analisada a partir da obra de Ana Paula Tavares Dize-me coisas amargas como os frutos. Comprovamos que por meio da poesia, as memórias podem ser resgatadas, pois essa é composta de elementos que, em um dado momento, fizeram parte do cotidiano de um povo. O caráter social apresentado é de fazer com que as tradições, a sonoridade e outros elementos sejam apreciados e guardados na memória de outras pessoas.

A autora consegue, a partir da memória, recriar e criar um ambiente propício para que novas lembranças sejam agrupadas a sua ficção valendo-se da simbologia das imagens focadas no cotidiano.

As inquietações surgidas dos estudos não se esgotam, existe sempre outras possibilidades de leitura de um poema, independente da existência ou não um contexto histórico. Como diz Jean Paul Sartre: “Uma obra não se esgota num só sentido como não se realiza apenas num tema”.

A literatura angolana, no caso a poesia, revela a reflexão da autora diante dos conflitos sociais e a insere em novas configurações poéticas, libertando das formas fixas, das rimas e da métrica. A escrita literária representante da oralidade dá voz aos desprivilegiados, denunciando as injustiças.

Dize-me coisas amargas como os frutos é uma canção de despedida fúnebre do povo Cuanhama. Podemos inferir que assim, que a autora se propôs a realizar uma cerimônia de adeus, cuja significação remete a morte dos costumes e tradições angolanos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANDAU Joël. *Memória e identidade*. Tradução de Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Editora Contexto, 2011. 219 p.

CHEVALIER, Jean & GEERBRANT, Alain. Dicionário de símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números). Tradução Vera da Costa e Silva... [et al.]. 18 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Laurent León Schaffer. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1990. 190 p.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução de Bernardo Leitão. Campinas: Unicamp, 1990

TAVARES, Ana Paula. Cinquenta anos de literatura angolana, Disponível <http://www.fflch.usp.br/dlc/posgraduacao/ecl/pdf/via03/via03_10.pdf> 90. 553 p.

TAVARES, Ana Paula. História e memória: Estudo sobre as sociedades Luanda e Cokwe de Angola. Dissertação de doutoramento, Faculdade Ciências Sociais e Humanas da Universidade de Lisboa, 2009, 336p